

## AS RUAS DE LEOPOLDINA NO FINAL DO SÉCULO XIX: FRAGMENTOS DO COTIDIANO, BANALIDADES E ALGUMAS PERMANÊNCIAS\*

Rodrigo Fialho SILVA<sup>∇</sup>

### RESUMO

O Jornal **O Leopoldinense**, foi o primeiro periódico de Leopoldina, uma cidade localizada no interior da Zona da Mata mineira. Começou a circular em 1879 e registrou o cotidiano da vida social, econômica, política e cultural da cidade e região até o final do século XIX. A Biblioteca Nacional é responsável por abrigar grande parte de suas edições, hoje disponíveis *online* via Hemeroteca Digital. Algumas edições da década de 1880 foram consultadas para a elaboração deste artigo, que tem por objetivo apresentar alguns fragmentos do cotidiano da sociedade leopoldinense daquela época. Em suas instigantes páginas é possível perceber algumas permanências ao longo do tempo, como: a falta de iluminação adequada, a existência de constantes buracos, as brigas rotineiras e um pouco dos hábitos locais, tomando a rua como o principal palco dos acontecimentos narrados e espaço de convivência, e o jornal como significativa fonte de pesquisa para a **História Local** e Regional.

**Palavras-chave:** O Leopoldinense. Cotidiano. Rua.

### 1 INTRODUÇÃO

As ruas são espaços de passagens e paragens. Há tempos João do Rio<sup>1</sup>, a quem rendo homenagem pelo centenário de morte e pelos 140 anos de nascimento, afirmou que as ruas possuem alma, “a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma!” (RIO, 2013, p. 20). Para além dessa alegação, as ruas são os espaços vitais onde se estabelecem as sociabilidades cotidianas do homem em seu movimento contínuo. É um

---

\* Artigo recebido em 30/03/2021 e aprovado em 02/06/2021.

<sup>∇</sup> Doutor em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGH/UERJ). Pós-Doutorado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGH/UFJF). Diretor da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/Unidade de Leopoldina). E-mail: rodrigo.fialho@uemg.br

<sup>1</sup> João do Rio era o pseudônimo de João Paulo Alberto Coelho Barreto (1881-1921).

dos lugares onde as memórias já esgarçadas pelo tempo se misturam com as imaginações e histórias partilhadas do passado e projeções de futuro, e são vocalizadas abrolhando sonoridade ao espaço, eminentemente público. Sim, o passado tem a nos ensinar sobre o presente e as ruas possuem histórias!

Observa-se, com frequência, que os problemas que assolam as cidades do interior, ainda guardam suas características peculiares e, há séculos, os seus contornos e a sua estrutura física, como relevo, clima e espaço urbano, pouco sofreram modificações e alguns problemas permanecem evidentes na contemporaneidade.

Os problemas se convergem nas ruas. É no espaço público das ruas, o lugar onde se manifestam e, por isso, estão na mira da sociedade que se vale dos meios de comunicação para registrar os inconformismos ao longo do tempo.

Em Leopoldina não foi diferente, na década de 1870 surge o primeiro jornal da cidade<sup>2</sup> e nele as impressões da população local sobre as ruas da cidade. Uma cidade cravada aos pés do Morro do Cruzeiro, com forte tradição agrícola e pecuária, cujo povoamento remonta às primeiras décadas do século XIX. Está localizada na Zona da Mata mineira e historicamente, ao contrário do que afirmou a historiografia tradicional, a região começou a ser ocupada no século XVIII, como salientou Fernando Lamas:

Frequentemente ouve-se que a história da Zona da Mata Mineira iniciou-se no século XIX, a partir da expansão cafeeira do Vale do Paraíba Fluminense. Isso decorre-se de uma interpretação que encarou a fase relativa ao século XVIII apenas como via de ligação, através do Caminho Novo, entre o porto do Rio de Janeiro e a região mineradora. Contudo, desde a primeira metade do setecentos a região foi não somente devassada como também podemos detectar os primórdios de um processo de colonização e povoamento que abriu espaços e gerou condições materiais para sua estruturação século XIX (LAMAS, 2016, p.1).

Lendas fundadoras cercam a origem do povoado de Leopoldina. Segundo a tradição local, o nome Arraial do Feijão Crú, se deve a um acontecimento pitoresco ocorrido provavelmente onde hoje é a praça do Rosário. Tropeiros, em suas paragens, acenderam fogo para cozinhar feijão e talvez com o objetivo de espantar animais selvagens e endemoniados mosquitos – existentes em quantidades assustadoras até hoje – ao perceberem que o fogo havia se apagado, atiraram o precioso alimento, ainda cru, no

---

<sup>2</sup> Para Nilza Cantoni, no final do século XIX, Leopoldina contou com muitos jornais em circulação: cerca de dezesseis periódicos. CANTONI, Nilza. O Leopoldinense – 1880 a 1896. In: NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. **Fragmentos da História: O Leopoldinense – 1881**. Leopoldina: Ed do autor, 2014.

córrego que atravessava o pousio, batizando-o de Ribeirão do Feijão Cru. Seu povoamento se acentua ao longo do século XIX, paralelo ao crescimento econômico da Zona da Mata mineira, pautado na produção agrária diversificada e no trabalho escravo negro, tendo o café como carro chefe em meados do século (NASCIMENTO, 2020).

## 2 O JORNAL O LEOPOLDINENSE - SÉCULO XIX: BREVES INFORMAÇÕES

O jornal **O Leopoldinense** veio à luz em 1879 e circulou até 1900.<sup>3</sup> De acordo com Luiza Helena Morais Barbosa, circulava nas cidades da região como Ubá, Mar de Espanha, Santo Antônio de Pádua, Cataguases, Barbacena, entre outras e no Rio de Janeiro e, “Mesmo com as dificuldades de meios de transportes, das estradas e dos problemas nos correios, esse veículo de comunicação se disseminou por duas províncias” (BARBOSA, 2017, p. 26-27). Suas edições eram semanais e contava com a venda de anúncios e com as assinaturas para se manter. O endereço para se fazer a assinatura do jornal em 1881, em Leopoldina, era na Rua do Rosário nº 35 e, no Rio de Janeiro, na Rua da Quitanda nº 84B (BN/SOR, **O Leopoldinense**, 2/6/1881, p1).

Gisele do Nascimento nos informa que:

O periódico circulou em um período de efervescência política na cidade de Leopoldina, assim como em todo o país, onde havia discussões a respeito da libertação dos escravos por grande parte da população e dos intelectuais da época. Era tempo de acirradas disputas políticas e um forte apelo literário, sendo bastante influenciado pelas publicações francesas e pelos jornais da Corte. Seguindo estas tendências, o jornal se posicionou na defesa pela libertação e se colocou diversas vezes a favor da substituição da mão de obra escrava por colonos estrangeiros (NASCIMENTO, 2020, p. 80).

Histórias interessantes se passam em Leopoldina e estas se encontram registradas nas páginas de seu primeiro jornal **O Leopoldinense** e ao contrário do que sinalizou Nilza Cantoni, “não se conhecem estudos que discutam o papel desta imprensa num município que teve bom destaque histórico e econômico na zona da mata mineira” (CANTONI, 2014, p. 10), hoje, temos importantes estudos que tomam **O Leopoldinense** como fonte de pesquisa na área de Letras, História e Artes<sup>4</sup>. O objetivo deste texto é apresentar como

<sup>3</sup> Foi o primeiro a utilizar o nome **O Leopoldinense**. Hoje existe outro jornal na cidade com o nome de **Jornal Leopoldinense**.

<sup>4</sup> Consultar as Dissertações de Mestrado de: Luiza Helena Morais Barbosa (2017); sobre a os folhetins e as crônicas publicadas no jornal. Gisele do Nascimento (2020); sobre as fugas dos escravos em estudo comparativo entre **O Leopoldinense** e o **Pharol** de Juiz de Fora. Natália Maria da Cruz Ferreira (2021), acerca das violências contra as mulheres no **O Leopoldinense** e no **Pharol** e Alan Villela Barroso, trabalho em fase de conclusão sobre as artes cênicas em Leopoldina no final do XIX e início XX, registradas nos periódicos daquelas temporalidades.

um tema, aparentemente sem relevância - a rua – tomando um jornal como fonte, pode trazer a reboque elementos próprios do cotidiano de uma cidade no final do século XIX, ou seja, a partir de um espaço que congrega pessoas na convivência cotidiana, como nos ensina Agnes Heller:

A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais "insubstancial" que seja, que viva tão-somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente [...] é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa da vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se "em funcionamento" todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias (HELLER, 2008, p.31).

O cotidiano pode ser estudado como objeto de análise a partir de práticas sociais capazes de deixar os registros próprios do labor diário dos atores sociais em uma dada temporalidade. E a imprensa é uma delas. Um dos principais meios de informação na época foi, durante tempos, capaz de mobilizar as opiniões públicas, alinhando as vozes dissonantes de quem se fazia representar por meio das páginas impressas, seja oficialmente, no caso dos redatores e editores, ou pela participação dos missivistas, que ajudavam a alimentar o consumo dos jornais, instigando a sua leitura, privada ou em público, através das impressões subjetivas e contribuindo financeiramente para a manutenção de uma escrita que se fazia pública.

Segundo Michel de Certeau, na escrita pública, "não existe, aliás, voz pura, porque ela é sempre determinada por um sistema (familiar, social, etc) e codificada por uma recepção" (DE CERTEAU, 1994, p.222). Longe de ser um lugar banal, a rua é um dos espaços dos acontecimentos históricos mais pulsantes e polifônicos, registrados pelas fontes locais como os jornais, por exemplo, capazes de desvelar vestígios que trazem à superfície, elementos cotidianos de uma História Local, como ensinou Pierre Goubert (GOUBERT, 1988).

### **3 AS RUAS: BANALIDADES E PERMANÊNCIAS**

Hoje nos deparamos com jornais eletrônicos e televisivos que noticiam, a todo momento, a existência dos buracos e os problemas emergenciais que inviabilizam o trânsito de veículos e de pessoas em vias urbanas, rurais, estaduais e até mesmo federais, causando prejuízos e acidentes. Os buracos de Leopoldina são persistentes e

seus registros são encontrados na imprensa local desde os anos finais do século XIX, ainda no apagar das luzes do governo de D. Pedro II, daí denominá-los de buracos imperiais.

Existiam por muitos lugares, mas os registros encontrados se remetem aos buracos localizados no centro da cidade, ou seja, eram os mais evidentes e incomodavam mais, pois eram vistos por todos que ziguezagueavam pelo comércio local, onde se estabeleciam as instituições financeiras, públicas e comerciais que davam o tom de centralidade à cidade. Em uma estatística publicada pelo **O Leopoldinense** em 1881, nove era o número das ruas esburacadas em Leopoldina, cento e oitenta e nove cachorros soltos no meio da rua, seis grupos fazendo algazarra a meia noite, vinte e seis lampiões apagados e duzentos e quarenta e sete moças querendo casamento (BN/SOR, **O Leopoldinense**<sup>5</sup>, 24/04/1881, p. 3) e um mês depois, pontuavam que as ruas não eram varridas com assiduidade (BN/SOR, **O Leopoldinense**, 29/05/1881, p. 03).

Possuem variados formatos, circunferências e profundidades e somados à falta de iluminação pública, os fiscais e a Câmara eram alvos de constantes críticas, pois os transeuntes desavisadamente neles desabavam e para fora, só ficavam as cabeças de tão profundo:

Estamos convencidos de que os Srs fiscal e camaristas veráo o máo estado das nossas ruas depois que cahirem por alguns de seus buracos e atolarem até o pescoço. Com algumas pedras miúdas póde-se facilmente tapar a infinidade de bocas de lobo espalhadas por toda parte. Se ao menos mandassem duplicar os poucos lampeões que temos, a gente poderia evitar os banhos de agua suja e contusões de canellas. Os lampeões além de escassos estão colocados de um lado das ruas, iluminando somente a parte oposta e deixando a outra imergida em profundas trevas. Alguma providencia Srs. Camaristas. O Zé-povinho está tão onerado de impostos... (BN/SOR, **O Leopoldinense**, 15/10/1882, p. 2).<sup>6</sup>

O lampeão da praça do General Ozorio e o imediato, accendidos ás 4 horas da tarde, ficam apagados ás 7 da noute! Quando ocorre o eclipse, as pessoas incumbidas de levar correspondência ao correio, de ordinário erram o caminho, perdem o tino e vão dar com o costado a rua do Buraco. E preciso olhar-se para estas pequenas faltas e dar-se uma providencia qualquer. (BN/SOR, **O Leopoldinense**, 05/01/1882, p. 3).

Pode-se pensar em exageros ao ler a descrição acima, porém e de acordo com Inês Loureiro, a ironia é um “poderoso instrumento crítico” (LOREIRO, 2007, p. 14) e a

<sup>5</sup> **O Leopoldinense** utilizado para esta pesquisa se encontra no site da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital, Seção de Obras Raras, daí a sigla doravante utilizada BN/SOR. <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>.

<sup>6</sup> A ortografia original foi mantida.

encontramos com frequência nos textos do jornal, daí pensar em recursos da ironia ou da comicidade para chamar a atenção do leitor, mas as críticas recaíam sobre os representantes da Câmara Municipal, deixando evidente que a população seguia o lado oposto na representação política, sendo, inclusive identificada pejorativamente como **Zé-povinho**.

Além dos buracos, reclamavam também das lamas: “Nas proximidades dos Thebas, assim como nas ruas da povoação, a lama é tanta que não se pode transitar. E’ urgente que o Sr. Fiscal dê um passeio até lá para ver se, cumprindo um dever, beneficia os habitantes desse lugar” (BN/SOR, **O Leopoldinense**, 14/01/1883, p. 03) e de entulhos e pedras espalhadas como se observa,

Alerta Sr. Fiscal. – Pedem-nos chamemos a atenção do Sr. fiscal para o despotismo dos carreiros de obra do teatro. A rua Municipal está intransitável, numerosos calhaus de pedra foram arriados sobre as sargetas e passeio dessa importante via de comunicação. Em uma das ultimas noutes uma criança cahindo na tal ratoeira ficou bastante ofendida (BN/SOR, **O Leopoldinense**, 23/6/1881, p 2).<sup>7</sup>

Como dito, as ruas do centro da cidade eram sempre lembradas “pedindo a quem competir enérgicas providências [...] para os distúrbios e ameaças que se repetem nas ruas mais concorridas da cidade” (BN/SOR, **O Leopoldinense**, 22/1/1882, p. 2) por serem ainda palco de desavenças e situações que chamavam a atenção da população leopoldinense, pelos ânimos estatelados causados pela embriaguez nos botequins pontos de encontro existentes, como os existentes nas ruas do Rosário e Sete de Setembro:

Chamamos a atenção de quem competir, para as desordens constantemente repetidas no crusamento das Ruas do Rosário e Sete de Setembro. Seria degradante para o nosso jornal declinar os nomes daqueles que inspirados no Deus Bacho esquecem-se do código da moral e proferem palavras offencivas a castidade das famílias. Ainda domingo último um valentão atroou o céu e a terra com obscenidades que fariam corar a mais cynica criatura que a ouvisse (BN/SOR, **O Leopoldinense**, 28/08/1881, p. 1).

Os espaços compreendidos entre as ruas citadas formam um dos mais interessantes da cidade. É um nó cultural de uma cultura popular de Leopoldina. Ficam próximo da atual Praça do Urubu, um tradicional ponto carnavalesco e também ao Clube dos Cutuba -

<sup>7</sup> De acordo com José Luiz Machado Rodrigues e Nilza Cantoni “A rua Municipal existiu no tempo da visita do Imperador D. Pedro à cidade, em 30.04.1881, segundo o jornal O Leopoldinense de 24.04.1881. É a atual rua Cotegipe que, também, foi chamada rua das Flores.” (RODRIGUES; CANTONI, 2004, p. 171).

clube negro, fundado em 1925 por negros descendentes de ex-escravos, com fortes tradições culturais e de resistência social – bem como prédios e casas comerciais com fluxo populacional intenso. Ainda na década de 1880, alguns moradores reclamavam das brigas próximas à localidade e da falta de contingente policial para contê-las:

Agressão brutal – Deus-e ontem, às 11 horas da manhã, na rua do Rosario, um renhido conflito entre o cidadão José de Deus Costa e Valerio de Tal, que percorria as ruas bradando a todo instante = Abaixo o imposto da cachaça! = O Sr José de Deus passava em frente da confeitaria Alfredo, quando sentiu-se agredido por Valerio que descarregou-lhe algumas preanchadas com um arco de barril. Acudiram muitas pessoas e o delinquente foi logo conduzido ao xadrez (BN/SOR, **O Leopoldinense**, 12/03/1882, p. 2).

Ainda, ante-hontem, por volta das 11 horas da noite, na rua do Rosario, depois de um baile, diversas famílias das ruas das Flores e Boa Vista, abrigaram-se em uma casa, porque voltando para os seus domicílios foram surpreendidas pelos incessantes clamores de um desgraçado que perseguido n'uma choupana, angustiosamente bradava: Aqui d'El Rei! Não me mate!! Se o destacamento policial dispões de pouca força para, conter os desordeiros e bem policiar a cidade, cumpre as autoridades locais exigir de Ouro Preto uma garantia qualquer para a propriedade e vida dos pacíficos leopoldinenses. (BN/SOR, **O Leopoldinense**, 22/01/1882, p. 03).

Muitos que frequentavam as tavernas eram considerados ociosos, como pode ser percebido no excerto abaixo. A vida nas ruas era exercida de várias maneiras: existiam os que passavam por elas e os que dela tiravam o seu proveito e a viviam de sua forma, ou a bebiam! De acordo com João do Rio,

“Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito de vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos *flâneur* e praticar o mais interessante dos esportes – a arte de flunar [...]” (RIO, 2013, p. 21).

Por esse prisma, observa-se pela constância dos ajuntamentos nas bodegas, que se flanava com excesso em Leopoldina no final do século XIX e que essa prática, não era privilégio daqueles que percorriam com graciosidade os conhecidos centros urbanos europeus da **Béle Époque** sendo ainda hoje uma prática permanente na cidade.

Todos os dias aglomeram-se nas vendas e tavernas bandos de homens desocupados, impedindo o ingresso de quem quer comprar alguma couza, e facilitando furtos e até desordens. A quem competir pedimos providencias para semelhante abuzo (BN/SOR, **O Leopoldinense**, 15/10/1882, p.2)).

Os frequentadores das tavernas são classificados como desocupados, sinônimo de vadios, boêmios e até mesmo de vagabundos. Mais uma vez e de forma sagaz João do

Rio observa: “É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico” (RIO, 2013, p. 22).

Observa-se no jornal muitos anúncios de produção e venda de aguardente na região, uma bebida tipicamente brasileira e bastante consumida. Mais uma vez a rua aparece como um espaço como também ainda o é, para o consumo de bebidas, independente de classe social.

Na rua. Um transeunte encontra um pobre homem cahido na calçada, e procura levanta-lo. –Então que é isso? Você para que abusa assim do vinho? –Vinho? Diz o outro com voz arrastada, mais enérgica. Não me calumnie, ouviu? Vinho! Ora esta! –Então o que foi? –Foi...foi aguardente! (BN/SOR, **O Leopoldinense**, 07/05/1882, p. 4).

Constantemente reclamavam da escuridão das ruas o que facilitava despencar-se dentro dos buracos quando a noite chegava e alguns leopoldinenses viviam pedindo melhorias na iluminação pública, como se vê: “Iluminação – Pedimos aos Srs empreiteiros da iluminação para por favor aos habitantes desta cidade, augmentarem mais um pouco de querosene nos reservatórios dos lampeões ou então aceiarem os vidros para clarear as calçadas das ruas e praças publicas”. (BN/SOR, **O Leopoldinense**, 09/03/1882, p.1). Observa-se nesta passagem, o apelo não somente as autoridades, mas aos próprios moradores, se valendo do jornal como um instrumento do exercício de uma consciência coletiva para o bem comum. Encontra-se no mesmo ano, dois meses antes, outra reclamação:

É deplorável o estado em que se acham algumas ruas da cidade, como sejam a da Boa Vista e Sete de Setembro, notando-se que a falta de iluminação obriga os transeuntes atolarem-se em lamaçais e bocas de lobo nelas abundantes. A câmara deve tomar qualquer medida, attendendo que os impostos são exagerados e todos pagam tugar nem mugir. (BN/SOR, **O Leopoldinense**, 26/01/1882, p.1).

Os moradores também escreviam conjuntamente para o jornal, “Rua das Flores Chama-se a atenção do ILLm. Sr. Dr. Presidente da câmara municipal desta cidade, para o estado lastimoso em que se acha esta rua. Esperam providencias. Os moradores” (BN/SOR, **O Leopoldinense**, 16/6/1881, p.3). Destaca-se a imprensa como um instrumento de ação política. Neste excerto, é possível identificar mais uma reclamação a respeito da falta de segurança e como entendiam o papel da imprensa para além da cidade. Se hoje a mídia em geral e as redes sociais, em particular são utilizadas em tempo real com a finalidade de denúncia, por exemplo, existia também uma consciência que o jornal tinha esse papel, pois circulava e era lido e tinha o poder de mobilizar



pessoas diferentes em distantes espaços, a partir de diferenciados modos de leitura (SILVA, 2017).

Não era de balde que reclamávamos contra a falta de segurança individual. Por mais de uma vez em estylo singelo e sem tintas carregadas puzemos em evidencia o estado de barbárie a que ficamos reduzidos, tanto pela carência de força policial como pelo desenfreamento dessa turba ignara, frequentadora das tavernas e lupanares. Embalde clamamos em nome de uma população ordeira e laboriosa, contra a condemnavel indiferença da 2ª autoridade da província, e sem embargo da opposição de seus partidários, a consideramos 9...0 na posição elevada que ocupa S. Ex. continuará como sempre a ligar pouca importância as reclamações da imprensa desta malfadada província. Esta cidade foi no dia 23 do corrente, às 212 horas da madrugada, alvotoada pela notícia de um crime horroroso, de que foi victima o fiscal da câmara municipal José Marciliano Vieira. O SR. Marciliano recolhia-se a sua casa, no bairro da Gramma, e junto ao lampeão fronteiro a estação do caminho de ferro, vio-se agredido por um sujeito embuçado, que descarregou-lhe tremenda bordoada no alto da cabeça. Aos gritos de Aqui d'El-Rei, fugiu o agressor em direção ás mattas da Onça, onde [e crível achar-se homiziado. Este facto faz nos recordar os motivos que indusiram o negociante Carlos Falche, a abandonar o paiz. Vendo-se acossado por uma malta de ciganos, dispoz dos seus haveres e refugiou-se na Italia, sua querida pátria. Mais alguns atentados, e esta cidade ficará completamente deshabitada (BN/SOR, **O Leopoldinense**, 27/08/1882, p. 01).

Para além das impressões sobre o péssimo estado de algumas ruas e o julgamento de alguns sobre o que nelas acontecia, pode-se perceber que as ruas também tinham o seu cotidiano por trás dessas impressões. Tinha vida comercial e cultural e tinha gente.

A Rua do Rosário nº 37, atual Rua Tiradentes, por exemplo, era o endereço da tipografia responsável pelo **O Leopoldinense** e uma das mais movimentadas de Leopoldina na época. Além de prestar serviços tipográficos como impressões em cartões e impressões gerais, também era uma conhecida casa comercial: a casa da Barateza.

Hoje é uma rua bastante movimentada da cidade e à época também parecia ser. Geralmente **O Leopoldinense** publicava as propagandas na última página de suas edições e na casa da Barateza se encontrava produtos variados como: tecidos, livros, livros contendo discursos parlamentares de políticos conhecidos como José Bonifácio, livros contendo metodologias de ensino para as escolas, tintas, pentes, perucas, fumos, chapéus, cigarros, bebidas como licores, vinhos, bacalhau, linhas, botões, aviamentos em geral, papéis, aguardentes das melhores, cavaquinhos, cordas para violão.

Os comerciantes anunciavam com frequência no jornal local, o que garantia também a sobrevivência do mesmo os produtos recém-chegados do Rio de Janeiro a

serem comercializados nos armazéns e vendas das cidades e região. Um anúncio chama a atenção por ser direcionado aos pobres:

#### ARMAZEM DOS POBRES

Mudou-se este estabelecimento do prédio n. 19, para o prédio novo em frente ao mesmo, aonde continua a ser a casa de generos de primeira necessidade, vendendo a preço modico, ao alcance das pessoas menos protegidas da fortuna, tornando-se por isso recomendável. Leopoldina, 30 de Outubro de 1881, Thomaz Pereira do Amaral Lisboa. (BN/SOR, **O Leopoldinense**, 12/11/1881, p. 4).

Em outro pode-se perceber os adereços vendidos em época de carnaval:

Paninho azul e cor de roza, leques a 400 e a 500 rs! Mascaras de setim, de arame, de papelão, caricatas e para crianças. Vestimentas do Diabo! Stalos fulminantes, bisnagas, luvas e meias luvas, fogos da China, trombetas, pistões, cornetas, harmônicas, meias brancas e listadas, toucas de lã, quase dado na casa da barateza rua do Rosario n. 37 (BN/SOR, **O Leopoldinense**, 09/02/1882, p.4).

Além das propagandas, o jornal também publicava muitos anúncios e dentre eles, os que mais chamam a atenção pela quantidade são os de escravos fugidos<sup>8</sup>:

FUGIU da Fazenda da Providencia pertencente ao Barão de Leopoldina, o cabra de nome Maximiano, rosto redondo, orelhas um pouco cabanas, cabelos carapinhos, fala meia e cantante, um pequeno signal na testa, muito proza, sabe ler e escrever estatura ordinária. Quem o apreender e trazer a seu senhor na dita fazenda, município de Leopoldina será bem gratificado. Fevereiro – 6 – de 1882 (BN/SOR, **O Leopoldinense**, 09/02/1882, p. 3).

Estes anúncios são de uma riqueza ímpar aos interessados pela temática da escravidão e suas relações com o poder e o cotidiano, pois de acordo com Rômulo Garcia Andrade, Leopoldina chegou a ser o maior município escravista da região da Zona da Mata mineira, no final do século XIX (ANDRADE, 1997).

Chama a atenção neste excerto o destaque dado ao município de Leopoldina como referência para se receber a recompensa, o que reforça a existência de uma rede de circulação dos jornais do século XIX para além de suas localidades, pois um leitor distante de Leopoldina poderia identificar Maximiano e buscar sua recompensa. Já na Rua Boa Vista<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Em trabalho recente e inédito para Leopoldina, Gisele do Nascimento analisou as fugas de escravos publicadas pelo jornal **O Leopoldinense** e apresentou um estudo sobre a localidade das fugas, faixa etária dos escravos fujões, procedência étnica, tipos de fugas em análise comparada com as publicações similares veiculadas pelo o Pharol de Juiz de Fora.

<sup>9</sup> Provavelmente próxima a atual Rua da Grama, pois em um anúncio de venda de uma casa na Rua Boa Vista em outra edição do jornal, destacaram que a mesma se localizava na “Gramma” (BN/SOR, **O Leopoldinense**, 13 ou 15/7/1881, p. 4).

Leopoldina contava com muitas Escolas e são fartos os anúncios, inclusive com Escola de Música. A exemplo, no dia 24 de junho de 1881 João Affonso Vianna, diretor da sociedade de música **Philamonica Leopoldinense**, inaugurou uma Escola noturna com aula a partir das “6 horas da tarde em diante. Pagamento adiantado, mensalidade 5\$000.”(BN/SOR, **O Leopoldinense**, 19/6/1881, p.3). Para os interessados em estudar as instituições educacionais de Leopoldina e região, o jornal fornece prestimosas informações, bem como revela as insatisfações dos leopoldinenses com a **coisa pública** na cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As queixas dos moradores da cidade de Leopoldina publicadas nas páginas do jornal **O Leopoldinense** nos anos de 1881, 1882 e 1883, apresentadas neste artigo, ainda permanecem e são problemas corriqueiros existentes e próprios do cotidiano da cidade. Interessante é observar as permanências ao longo do tempo e como as fontes locais são capazes de revelá-las.

O jornal **O Leopoldinense** é uma fonte de pesquisa que possui informações valiosas sobre a História de Leopoldina e região. Registrou as vozes polifônicas de uma dada temporalidade com intencionalidades diversas. O cotidiano não se faz somente pela vivência do agora, é antes o resultado de um processo histórico dado a conhecer. É o acúmulo de experiências do vivido e do vivido revelado nas variadas fontes, principalmente aquelas preservadas em Arquivos, como os Jornais da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional hoje disponíveis *online*. Assim, a palavra **banalidades** no título do presente artigo é uma provocação, pois é na rua o lugar onde todos aparecem e são vistos. As ruas são os membros do corpo orgânico da cidade e os seus personagens, com suas idiossincrasias, lhe dão vida e alma. É na permanência dessa alma que se observa as peculiaridades perenes. Foi e é assim na cidade do interior da Zona da Mata mineira, cravada aos pés do Morro do Cruzeiro. Em suas ruas, desde o Império, ainda existem cães abandonados, escuridão, buracos pequenos e medonhos, assaltos, medos e uma segurança pública a ser melhorada, como solicitavam os conterrâneos desde o século XIX. Detalhe: as aglomerações sempre existiram como observado nas tavernas, no entanto, as de hoje são assustadoramente incosequentes, pois estamos vivendo uma pandemia que parece não ter fim e quanto ao significativo número de moças que buscavam casamento...essa é outra história!

## LEOPOLDINA'S STREETS AT THE END OF THE NINETEENTH CENTURY: FRAGMENTS, TRIVIALITIES AND ROUTINARY CONTINUANCE OF THE DAILY LIFE

### ABSTRACT

The 'O Leopoldinense' journal was the first newspaper of Leopoldina, a city located at the region known as Zona da Mata in the state of Minas Gerais. The journal started its work in the year of 1879 by registering the daily social, economical, political and cultural life of the city and its environs until the end of the nineteenth century. The national library holds the responsibility to hold a great number of the journal's editions available on Hemeroteca Digital, a site that holds a great deal of periodics. Some editions from the years of 1880's were used to support this article, that aims to show fragments of the daily life of the city. The amazing pages of the journal demonstrates how affairs like lack of public street lighting, the constant existence of potholes, routinary street frays and some of the local habits are displayed when the streets are taken as the main stage of the narratives and as a place of spatial coexistence, as well, as the journal as a great source of research to the local and regional history.

Key-words: **O Leopoldinense**. Daily. Streets.

### REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rômulo. Estrutura agrária e família escrava na Minas Gerais oitocentista. **Revista Eletrônica de História do Brasil**. Juiz de Fora: UFJF, v. 1, n. 2, p. 21-33, dezembro, 1997.

BARBOSA, Luiza Helena Moraes. **O cotidiano impresso**: o folhetim e a crônica nas páginas do Jornal O Leopoldinense no final do século XIX. Orientador: Rodrigo Fialho Silva. Dissertação de Mestrado em Letras. Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF. Juiz de Fora, 2017.

BARROSO, Alan Villela. **Panorama do Espetáculo em Leopoldina**: um recorte histórico sobre as Artes Cênicas entre os séculos XIX e XX. Disponível em: [www.theatroalencar.wordpress.com](http://www.theatroalencar.wordpress.com). Acesso em 31/03/2021.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CANTONI, Nilza. O Leopoldinense – 1880 a 1896. *In*: NOGUEIRA, Natania Aparecida da Silva. **Fragmentos da história: O Leopoldinense – 1881**. Leopoldina: Ed do autor, 2014.

CARRARA, Ângelo Alves. **Minas e Currais**: produção rural e mercado interno de Minas Gerais, 1674-1807. Juiz de Fora: UFJF, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**: 1 artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERREIRA, Natália Maria da Cruz. **Folhas (mal) ditas**: práticas de violência contra mulheres nas páginas dos periódicos Pharol e O Leopoldinense no final do século XIX (1880-1889). Orientadora: Mary Lucy Murray Del Priore. Dissertação de Mestrado em História. Programa de Mestrado em História do Brasil – UNIVERSO. Niterói, 2021.

GOUBERT, Pierre. História Local. Traduzido por Marta M. Lago / Pierre Goubert, **Revista Arrabaldes**, Ano I, nº 1. Maio / agosto 1988.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2008

LAMAS, Fernando Gaudereto. Povoamento e colonização da Zona da Mata Mineira. **Histórica** (São Paulo. Online), São Paulo, v. único, n.8, p. 1-9, 2006.

LOUREIRO, Ines. Ironia (s) em Freud: da escrita à ética. **Revista IDE**, São Paulo, 30(45), p. 13-19, dez. 2007.

NASCIMENTO, Gisele do. **Fugas e estratégias escravas**: uma análise dos periódicos Pharol e O Leopoldinense no século XIX. Dissertação de Mestrado em História. Programa de Mestrado em História do Brasil – UNIVERSO. Niterói, 2020.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Martin Claret, 2013.

RODRIGUES, José Luiz Machado; CANTONI, Nilza. **Nossas Ruas, Nossa Gente: Logradouros Públicos de Leopoldina**. Rio de Janeiro: o autor, 2004.

SILVA, Rodrigo Fialho. **Nas Minas... por entre “typos”, jornais e tintas**: sociabilidade impressa e debate político na Província das Gerais (1823-1831). Orientador: Marco Morel. Tese de Doutorado em História Política. Programa de Pós-Graduação em História da UERJ. Rio de Janeiro, 2011.